

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TIAGO CORREIA DA SILVA

**CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS DE FILOSOFIA NO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

CURITIBA

2017

TIAGO CORREIA DA SILVA

**CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS DE FILOSOFIA NO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Filosofia da Educação, Ética, Política e Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista de Filosofia da Educação.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Karen Franklin

CURITIBA

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus alunos de filosofia no Ensino Fundamental II, os quais me fizeram despertar para a importância dessa disciplina nessa fase de ensino.

À Prof.^a Dr.^a Karen Franklin que foi sempre solícita nas orientações e com quem pude dialogar sobre filosofia, educação e cinema de forma aberta e proveitosa.

E, por fim, ao projeto de extensão *Filosofia no Ensino Fundamental da UFPR*, onde pude discutir sobre a metodologia e implicações do ensino de filosofia para crianças.

RESUMO

No esteio de teóricos como os filósofos Matthew Lipman (1990) e Karen Franklin (2016), os quais defendem a inserção da disciplina de Filosofia no Ensino Fundamental, levantamos neste estudo algumas dificuldades para essa concretização. Entre essas dificuldades identificamos a adaptação da linguagem do professor à de crianças e adolescentes, a qual dificulta, muitas vezes, a compreensão de conceitos filosóficos e também a escassez de material didático para o ensino de Filosofia nessa fase da educação. Ao considerar essas dificuldades, apontamos então o cinema como um recurso didático válido para o desenvolvimento da disciplina de Filosofia em sala de aula. A partir deste objeto, traçamos outras conexões entre essa mídia e a Filosofia. Por fim apresentamos uma proposta metodológica a partir de um exemplo, no caso, o filme norte-americano *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, baseado no livro do escritor Rick Riordan, o qual alcançou grande popularidade no Brasil.

Palavras-chave: Filosofia; Cinema; Ensino Fundamental.

ABSTRACT

In the field of theorists as the philosophers Matthew Lipman (1990) and Karen Franklin (2016), who advocate the insertion of the discipline of philosophy in elementary school, about that, in this study, we have raised some difficulties concerning this subject. Among these difficulties we identify the adaptation of the teacher's language to children and adolescents, which often hinders the comprehension of philosophical concepts. Besides that, we also identify the scarcity of didactic material for the teaching of philosophy at this stage of education. Considering these difficulties, we point to cinema as a valid didactic resource for the development of the discipline of philosophy in the classroom. From this object, we draw other connections between cinema and philosophy. Finally, we present a methodological proposal from an example, in the case, the American film Percy Jackson and The Lightning Thief, based on the book of Rick Riordan, which has achieved great popularity in Brazil.

Keywords: Philosophy; Cinema; Elementary school.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 FILOSOFIA COM CRIANÇAS.....	7
3 CINEMA E FILOSOFIA	11
4 PROPOSIÇÕES DIDÁTICAS - ANÁLISE DE UM EXEMPLO.....	16
4.1 PERCY JACKSON E O LADRÃO DE RAIOS	17
4.1.1 Ficha técnica.....	17
4.1.2 Sinopse	17
4.2 UM OLHAR INFANTO-JUVENIL SOBRE PERCY JACKSON.....	18
4.3 ANÁLISE	21
4.3.1 Identificação com os personagens.....	21
4.3.2 Mitologia e os deuses gregos	22
4.3.3 Amizade	23
4.4 POSSIBILIDADE DE METODOLOGIA PÓS-FILME.....	24
5 CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

Entendendo a infância e a adolescência como momentos de questionamentos, descobertas e busca pelo conhecimento, vemos esses períodos da vida como propícios ao ato de filosofar. Nessa perspectiva propomos neste trabalho o uso do cinema como um recurso didático para as aulas de Filosofia no Ensino Fundamental II.

Reconhecemos ainda as dificuldades metodológicas de se realizar atividades de Filosofia com crianças/adolescentes, visto que é necessária uma adaptação da linguagem, bem como a elaboração de materiais didáticos para essa fase da aprendizagem. Além disso, observamos a importância da adequação na formação de professores para que possam desenvolver atividades filosóficas já nessa fase de ensino.

Nesse sentido, considerando teóricos como Lipman (1990), Nussbaum (2014) e Franklin (2016), os quais argumentam sobre os benefícios que a Filosofia pode trazer para a formação das crianças/adolescentes, levando-os a desenvolver o raciocínio lógico, as habilidades de argumentação e de comunicação, bem como a criatividade. Portanto, neste estudo propomos o cinema como material de acesso a tais alunos, como uma maneira de sensibilizá-los para a discussão filosófica.

Visto que o audiovisual é algo cada vez mais próximo ao cotidiano das crianças, como aponta uma pesquisa sobre mídia e o consumo infantil de TV no Brasil, realizada em 2015. É significativa a demonstração de que o consumo de TV por crianças no Brasil é crescente, chegando a uma média de 5h35 por dia (EBC, 2015), já as visualizações nos 100 maiores canais infantis alocados no YouTube, no Brasil, chegaram a 52 bilhões, no período de janeiro a setembro em 2016 (SILVA; 2016). Sendo assim, a escola e os professores não podem ficar alheios aos meios que crianças e adolescentes utilizam para diversão, informação e estímulo ao consumo.

Portanto, este estudo apresenta o modelo já estabelecido para o desenvolvimento de atividades de Filosofia com crianças, o qual consiste na formação de uma comunidade de investigação, com formatação e regras próprias. Nas atividades de Filosofia parte-se então de um texto adequado à faixa etária dos alunos, no nosso caso um filme. Para tanto, tomamos como exemplo a obra *Percy Jackson e o ladrão de raios*, um filme com narrativa e produção direcionada ao público infanto-juvenil. A partir desta obra levantamos algumas temáticas, discussões e propostas de atividades filosóficas direcionadas ao Ensino Fundamental II.

2 FILOSOFIA COM CRIANÇAS

Desde a década de 1980 se vem discutindo no Brasil a inserção da Filosofia no Ensino Fundamental. Discussão que ganhou força com a inclusão obrigatória da Filosofia no currículo do Ensino Médio em 2007, levando com isso a investimentos na formação de professores para essa disciplina já na Educação Básica.

Hoje encontramos algumas redes de ensino municipais¹ ou privadas que oferecem atividades ou aulas de Filosofia com crianças, mas ainda estamos longe de uma abrangência em maior escala.

Para que a Filosofia com crianças possa ser pensada como disciplina no Ensino Fundamental, há ainda uma série de preconceitos e dificuldades que precisam ser enfrentadas, como, por exemplo: o fato de muitos pensarem que a Filosofia é demasiado complexa ou acadêmica para ser apresentada a crianças; a deficitária formação de professores em Filosofia ou uma formação filosófica deficitária em curso de educação; bem como a formação de professores os quais considerem metodologia, linguagem e materiais didáticos apropriados para a apresentação de conteúdos filosóficos para crianças.

Em relação à complexidade da filosofia, só o fato de encararmos essa questão já adentramos em uma tarefa filosófica, pois para termos o mínimo de sucesso na resposta precisamos explicar sobre qual Filosofia estamos falando. Tendemos a pensar aqui que a Filosofia é uma forma de conhecer o mundo, assim como são a ciência, a religião ou o mito, e amparados pela tradição ocidental podemos pensar que a filosofia nos põe em busca, nos desafia ao questionamento e ao diálogo e nos torna inquietos pela sabedoria².

Se entendermos que a Filosofia é uma forma de conhecer, podemos pensar que a infância é um período da vida que se aprende com mais curiosidade e espanto. Nesse período o próprio mundo é um desconhecido e deve ser desvendado em uma busca repleta de questionamentos. Podemos entender a partir disso, que a infância é um período favorável à introdução filosófica, pois a busca por respostas às suas curiosidades diante do mundo já é pura potência.

Assim o método utilizado para aulas de filosofia com crianças, não pode ser o mesmo do Ensino Médio ou da Universidade. Por isso, é necessário considerar a

¹ Como exemplo podemos citar as cidades de Passo Fundo - RS (Decreto 83/2009), Gaspar - SC (Lei Municipal Nº 1768/1997), Barueri -SP (1167/2000).

² “Fizeste-nos, Senhor [Sabedoria], para ti, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti” (AGOSTINHO, 1973, p. 25).

sugestão de Lipman (1990), segundo o qual as aulas de filosofia nesta fase escolar devem dar origem a uma comunidade de investigação. De acordo com o filósofo:

Existem boas razões para pensar que o modelo para toda e qualquer sala de aula – aquela que busca aproximar-se e a às vezes consegue – é a comunidade de investigação. Por investigação quero dizer perseverança na exploração autocorretiva de questões consideradas, ao mesmo tempo, importantes e problemáticas (LIPMAN, 1990, p. 37).

Nessa comunidade vemos que há a valorização do diálogo e da organização do espaço físico, bem como das atividades a serem realizadas (grupos organizados circularmente, leitura coletiva, diálogo e reflexão). Essa organização visa o desenvolvimento de uma metodologia de aula que torne os alunos interessados na temática filosófica e nas opiniões, argumentos e posições de seus colegas, formulando assim diálogos comprometidos com a verdade e com argumentações consistentes.

Para que tal método se torne eficaz, o professor deve pensar 7 uma adequação da linguagem. Para tanto não se deve deixar de apresentar e discutir os problemas filosóficos sejam eles epistemológicos, éticos, estéticos etc., porém esta apresentação deve ser feita de forma atrativa a uma criança, logo, deve fazer sentido ao universo infantil e ser capaz de capitanear os problemas que interessam a esses interlocutores. Portanto, não devemos esperar que surjam questões menos complexas, porém apresentadas dentro do espectro de compreensão do universo infantil.

A escassez de professores formados em Filosofia é um problema que se tentou minimizar nos últimos anos. Contudo, ainda estamos longe de encontrar docentes formados em Filosofia para ministrar esta disciplina em todas as escolas, o que é uma dificuldade no estabelecimento dessa matéria nos currículos. Dados do censo escolar de 2015 apontam que apenas 23% dos professores de Filosofia tem formação específica (SALDAÑA, 2017, s.p.). Levamos em conta ainda, que nem sempre a formação pedagógica dos profissionais preparados para atuar na Educação Infantil é satisfatória em termos filosóficos.

Junto a este quadro há o fato dos cursos universitários de Filosofia nem sempre prepararem seus alunos para trabalharem com crianças, uma vez que estão focados na

pesquisa acadêmica e/ou na docência exclusiva para o Ensino Médio, no qual a disciplina é obrigatória³.

Consideramos ainda uma breve análise que leva em conta a escassez de material didático de Filosofia para crianças, influenciada pela não obrigatoriedade da disciplina, por consequência não integra o Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD), o que faz com que o material oferecido à rede pública não contemple a disciplina. Sendo assim, o material didático para o trabalho de Filosofia com crianças se resume ao produzido em série pelos sistemas de ensino, destinados assim à educação privada⁴. Além disso, há um conjunto de materiais alternativos restritos a poucas escolas que, além de incluir a disciplina de filosofia no Ensino Fundamental, desejam fazê-lo de forma atrativa aos seus alunos.

Frente a esse conjunto de dificuldades se faz necessário lançar a pergunta: por que ensinar Filosofia para crianças?

Primeiro propomos pensar que a Filosofia, fruto do desenvolvimento do pensar de forma racional sobre o mundo, tem valor em si mesma e por isso já deva ser ensinada a partir da infância.

Segundo, a Filosofia com crianças tem se mostrado um satisfatório instrumento pedagógico, também no auxílio a outras competências, seja no campo das linguagens ou da matemática. Fato que pode ser observado na pesquisa realizada pela *Education Endowment Foundation* (EEF), na Inglaterra, em 2013, com 48 escolas e três mil crianças, do 4º e 5º ano da Educação Infantil. A EEF submeteu um primeiro grupo de 1,5 mil crianças por um ano a uma metodologia de ensino de Filosofia para crianças e manteve um grupo de controle, também 1,5 mil crianças, o qual nesse primeiro ano não teve contato com a Filosofia. As conclusões desse estudo apontam que as crianças que tiveram contato com a Filosofia apresentaram uma evolução em matemática, leitura e escrita calculada entre 2 a 4 meses em relação às crianças que não tiveram. Professores e alunos apontam ainda outros ganhos menos mensuráveis como articulação oral e autoestima, tomando-as mais confiantes e pacientes. Os resultados assinalam ainda que crianças mais pobres tiveram maior benefício com as aulas de Filosofia (*EDUCATION ENDOWMENT FOUNDATION*, 2017).

³ Tendo pesquisado os currículos dos cursos superiores de filosofia nas universidades federais, não encontramos currículo que contemplasse uma disciplina relacionada ao ensino de Filosofia no Ensino Fundamental.

⁴ Nos sistemas de ensino privado é vista ora como diferencial, útil em campanhas de *marketing*, ora como diferencial pedagógico. Porém em ambos os casos nem sempre as atividades são pensadas a fim de se tornar um conteúdo interessante às crianças de forma a contribuir pedagogicamente.

Lipman (1990) destaca também que a Filosofia pode ser impulsionadora do processo criativo das crianças, uma das habilidades fundamentais a ser desenvolvida na escola contemporânea, e nos explica tal ideia a partir de sua metodologia.

Por meio de modelos ficcionais é possível mostrar às crianças que elas próprias podem pensar mais racionalmente e mais criativamente, pois queremos tanto estimulá-las a pensar como estimulá-las a pensar melhor. Se a leitura do texto é seguida de discussões críticas e interpretativas sobre as ideias escondidas nas entrelinhas dos romances, como tesouros numa caça ao tesouro, os alunos disputarão ansiosamente uns com os outros o momento de expressar seus pontos de vista e, se não puderem expressá-los oralmente, podem ser estimulados a escrevê-los, quer na forma de ensaio, diálogos, contos ou poesia (LIPMAN, 1990, p. 221).

O filósofo (1994, pp. 79-96) afirma ainda que um pensamento mais racional sobre o mundo, a criatividade, o crescimento pessoal e interpessoal e o desenvolvimento de uma compreensão ética, habilidades essas tomadas por muitos como finalidade do processo pedagógico, são impulsionadas pela Filosofia se esta for desenvolvida desde a infância.

Por fim, observamos também a dificuldade em encontrar instrumentos para apresentar Filosofia a crianças. Para auxiliar nessa tarefa e adentrar no universo infantil, criando um diálogo com as crianças de forma clara e produtiva, é preciso considerar um instrumento principal: o texto.

(...) para se estabelecer um diálogo filosófico com crianças, é preciso partir de um concreto, o texto. Os textos a serem oferecidos podem ser obras de literatura infantil, novelas filosóficas (escritas justamente para esse fim), imagens, desenhos animados ou quadrinhos, enfim, qualquer ponto de partida pode dar início a uma conversação filosófica com crianças (FRANKLIN, 2016, p. 37).

A partir desse pressuposto propomos que o texto se converte por vezes em filme. Neste trabalho sugerimos o uso do Cinema produzido para crianças e pré-adolescentes como uma ferramenta para instigá-las à discussão filosófica e o fazemos porque esses materiais cinematográficos são pensados para esse público específico.

O filme visa chamar a atenção desse público para a discussão filosófica, e ficará a cargo do professor trazer as discussões para além da superficialidade do audiovisual, ao permitir que os alunos, a partir do retratado no cinema, possam refletir sobre os temas filosóficos apresentados.

3 CINEMA E FILOSOFIA

A adoção do cinema como recurso didático no ensino de Filosofia para crianças tem em vista que esta é uma linguagem com a qual esse público já está habituado. Pois, o contato com o audiovisual se dá na mais tenra infância e o contato/leitura do cinema é uma experiência quase tão natural como o aprender a língua materna⁵.

Ao aliar essa familiaridade com cinema à Filosofia, acrescentemos que há muito se considera o cinema capaz de contribuir para o aprendizado⁶, seja por afetar as emoções, seja por sua dimensão estética ou mesmo por sua função político e social.

Ao considerar a educação um processo amplo, algo corroborado pela reflexão de Loureiro (2008) é possível perceber a estreita relação entre Filosofia, cinema e Educação.

Ao considerar a educação uma prática social ampla que se dilui em vários momentos da vida social e, portanto, não se restringe às instituições formais de ensino, é possível situar a produção fílmica não apenas como manifestação do tornar-se humano, mas também como elemento fomentador desse processo.

Ao comporem uma determinada dinâmica de vida de homens e mulheres, os filmes também participam na formação de valores éticos e juízos de gosto e, nesse sentido, portam uma faceta educacional (2008, p. 136).

A partir desse contexto, sabemos que tanto o processo filosófico quanto o educacional partem de sujeitos, os quais precisam ser entendidos em sua singularidade e que tem de se reconhecer como singulares, ou seja, se autoconhecer. Para tanto entendemos esse processo de conhecimento, no espectro contextual de Edith Stein, não como sensorial, nem racional em sentido puro, mas dado por uma percepção interior ou contemplação (STEIN, 2003, p. 68).

Esse é um grande desafio para o ensino de Filosofia para crianças: como levar os sujeitos desse processo a esta forma específica de conhecimento, o qual é diferente, por

⁵ Robert Edgar-Hunt comenta essa relação como segue: “Raramente temos dificuldade de entender essa linguagem quando assistimos a um filme no cinema em casa... Nunca tivemos de “aprender” filme. Somos como pessoas que não precisam aprender a gramática da sua língua mãe porque é algo que acontece naturalmente pelo simples fato de sermos expostas a ela.” (2013, p. 8)

⁶ Desde a década de 1920 existem estudos sobre a função formativa do cinema, em paradigmas que foram mudando ou se sobrepondo durante o tempo. Já se viu o cinema a partir de um protocolo moral, cultural ou midiático, hoje tendemos a pensar no cinema em sua função pedagógica. Sobre a história da relação cinema/educação. (MORETTIN, 1995, p. 13-19.)

exemplo, do ensino das ciências naturais (sensível) ou da matemática (abstrata). Sendo assim, defendemos neste trabalho que o cinema possa ser usado com um dos modos de se atingir essa forma de autoconhecimento.

A sensação de realidade advinda das imagens em movimento⁷ aliadas ao som potencializa o impacto e se diferencia das imagens fixas da fotografia, ou das imagens criadas na Literatura ou no Teatro. Metz (1972) explica: “o filme nos dá o sentimento de que estamos assistindo diretamente a um espetáculo quase real. Desencadeia no espectador um processo ao mesmo tempo perceptivo e afetivo de ‘participação’” (1972, p. 16), de tal forma que, por meio de um filme, podemos compreender melhor as relações humanas e experimentar emoções. Aspectos que podem nos fazer pensar pessoalmente no conjunto de emoções que nos afetam, nas atitudes que temos movidas por sentimentos e uma série de outras possíveis reflexões sobre esse recôndito, que é a interioridade que compõe a pessoa e, de alguma forma, é expressa pelo cinema.

Essa função formadora da pessoa que atribuímos ao material cinematográfico é ancorada nas reflexões de Blasco (2006):

O cinema é também um elemento humanizador, um modo de explicar a vida humana, sendo como é arte. Mas não simples estética, um ídolo monolítico erigido pelo apurado gosto do cinéfilo requintado. Não; o cinema é mais que isso. É um jeito de ver a vida, os homens, de aproximar-nos deles para entendê-los. Uma lente que nos ajuda a explicar o acontecer humano e, mais do que explicar, sentir como os homens, em concórdia – que é coração junto a coração, como dizia Ortega (BLASCO, 2006, p. 12).

Está reflexão de Blasco nos ajuda a pensar na relação do cinema e da filosofia, visto que ambos quando inseridos no processo educacional podem ter como objetivo o autoconhecimento e não só isso, mas nesse entender a si próprio, seus sentimentos e emoções. Também está posta a tarefa filosófica de se usar a razão como critério para as decisões pessoais e como análise do mundo.

Tal tarefa educacional quando pensada em perspectiva infantil torna-se árdua se apresentada apenas conceitualmente, mas tende a se tornar uma atividade prazerosa e reflexiva se for mediada por um recurso tão próximo do cotidiano infantil como o cinema.

⁷ Christian Metz afirma que é o próprio movimento que garante essa realidade suplementar ao cinema, pois “o movimento dá consistência às formas... garante a corporeidade dos objetos” e “o movimento contribui para a impressão da realidade de modo direto, visto que ele próprio aparece como movimento real. Há de fato uma lei geral da psicologia conforme a qual o movimento, desde que percebido, é em geral percebido como real” (METZ, 1972, p. 20-21).

Entendemos que o cinema, como arte, tende a formar também uma capacidade empática, algo que Martha Nussbaum classifica como capacidade de imaginação narrativa, aquela que nos faz “ser capaz de pensar como será estar na situação de outra pessoa, de avaliar integralmente sua história, e ser capaz de compreender os sentimentos, os desejos e as esperanças de alguém que possa estar nessa situação” (2014, p. 81). Além disso, como instrumento para uma educação que desenvolva essa capacidade, a filósofa cita as Artes, em uma proposta na qual as crianças possam aprender por meio de sua própria atividade criativa. Nussbaum (2014) fala da literatura, mas certamente é possível buscar um correlato na forma cinematográfica, pois o filme traduz um universo completo e capaz de colocar o espectador no lugar do outro e fazê-lo viver as mesmas experiências.

Outro ponto a ser considerado é que a produção cinematográfica é uma expressão estética, e que a contemplação estética é formadora por si mesma. Podemos recuperar, da Filosofia clássica e medieval (Platão, Aristóteles, Agostinho, Tomás)⁸, essa função formativa da estética, que não é simplesmente subjetivo, mas está intimamente ligada à formação ética e política do sujeito. De acordo com a tese platônica, o bem e o belo são ideias próximas, de tal forma que ao atingir partes de um desses conceitos já se pode vislumbrar o outro, ou seja, ética e estética estão intimamente ligadas na antiguidade e tem papel fundamental na formação humana.

O que nos faz pensar que, por meio de um conjunto de filmes, temos possibilidades não só de análise de uma produção artística, mas também de discussão do valor estético dessa produção, do conjunto de valores expressos pela obra, os quais os filósofos clássicos chamariam de virtudes e seus contrários, os vícios. Todos esses aspectos podem ser evidenciados por meio do cinema para as crianças.

Assim sendo o cinema pode nos fazer pensar sobre direitos e responsabilidades, oferecendo aos membros dessa comunidade de jovens filósofos elementos para deliberação sobre suas ações em relação à coletividade com um verdadeiro senso democrático. Nesse sentido, passamos a considerar que a influência estética é também formadora de nossas ações.

⁸ A educação clássica (seja a Paidéia grega, a educação romana ou a educação cristã tardo-antiga ou medieval) era orientada para a formação de cidadãos, de tal forma a realizar completamente a natureza humana (ser racional e político) e que só era possível por meio da *καλοκαγαθία* o ensino do belo e do bom (estética e ética). Essas concepções de ensino estão presentes durante toda a antiguidade e medievo e são encontradas por exemplo nas obras de Platão, Leis 7810^a; Aristóteles, Política 1340b; Agostinho, Sobre a Ordem II, V, 14; Tomás, Suma Teológica I-II, q.27, a.I, ad. 3.

Para tanto é necessário que cada um dos sujeitos seja membro ativo no processo filosófico e não só isso, que se sinta parte de uma comunidade, com autonomia para expressar opiniões e maturidade para aceitar as opiniões contrárias. A partir desse processo, o qual, em síntese, é a expressão do método socrático, a leitura cinematográfica se dará sob outra ótica: a percepção de que o argumento de um filme é orientado para uma determinada compreensão do mundo e da sociedade, o qual está marcado por tendências e ideologias as quais podem ser aceitas ou contestadas.

Esse processo de identificação de ideias no cinema só é possível e fará diferença se os elementos de mediação entre o filme e sua crítica forem feitos por um professor o qual considere sua responsabilidade na formação da consciência política.

Entendemos aqui a consciência política no seu sentido filosófico clássico, o qual se refere ao reconhecimento de forma natural de que o homem é um animal social⁹, e que por viver em sociedade tem responsabilidades não só com seu bem-estar particular, mas também com o bem comum ou público – aquele que não só deve ser comum a todos, mas também de acesso de todos – e por isso deve sempre agir de forma ética.

Esses elementos em uma “comunidade” de crianças preparada para discutir Filosofia visa estabelecer um espaço de convivência, partilha de informação e relações democráticas que deve ocorrer de forma natural. Uma vez que em tal ambiente essas ideias podem ser vivenciadas filosoficamente.

Para tal crítica podemos usar do cinema, pois este nos insere em uma infinita possibilidade de mundos, porém todos eles marcados pela convivência e por relações entre informação e poder. Frente a essas relações, como espectadores, temos acesso privilegiado à informação, porém nem sempre pensamos que o acesso a essa visão exterior é determinante para as relações de poder. Um aspecto a ser pensado é a análise de Lafer (1992):

Na condição de possibilidade para um juízo correto, sem o qual não há liberdade de opinião, está a exigência de uma informação exata e honesta. Por isso, o direito à informação, tal como previsto no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, está correlacionado à liberdade de opinião e expressão, objetivando assim a igualitária participação da cidadania na esfera pública. E é por este motivo que, por obra do legado kantiano, no como são tomadas as decisões numa democracia, o princípio da visibilidade do poder é constitutivo, pois permite a informação sem a qual todos não podem formar uma opinião apropriada sobre a gestão da coisa

⁹ Nas palavras de Aristóteles: “É que o humano está implicado nos outros e está naturalmente constituído para viver com outrem” (ARISTÓTELES, 1169b3).

comum, para dessa forma exercer seu poder de participação e controle (1992, p. 233).

Além desse aspecto do verossímil, o qual garante ao cinema a possibilidade de criar mundos (o que é legitimamente filosófico, segundo Aristóteles¹⁰) e é parte da essência da produção cinematográfica, percebemos a aplicabilidade do cinema nas aulas de Filosofia, como uma maneira de levar os estudantes a refletir sobre posições contrárias, bem como possibilitar que eles se coloquem no lugar de outro, por meio dos personagens. Ao passo que faço um esforço para entender como o outro pensa, paro para escutar sua argumentação e consigo me colocar em seu lugar, para assim procurar compreender suas posições. Com isso, passamos a ser mais tolerantes.

De modo efetivo, reforçar as ligações afetivas que decorrem desse ato de escutar e compartilhar sentimentos, ao utilizar a reflexão como meio para o desenvolvimento de capacidades de poder amar, sofrer, sentir ansiedade e outros sentimentos tão humanos, são os objetivos de uma educação significativa, na qual a Filosofia se insere. Reforçar isso no contato com o outro protege a criança e o jovem em formação da deterioração do desenvolvimento emocional devido ao medo e a ansiedade diante do mundo (NUSSBAUM, 2014, p. 43).

O cinema ainda nos permite caminhar pela história e observar a partir de nossas lentes, interpretações do passado, as quais podem nos levar a toda à sorte de indagações sobre liberdade, igualdade, direitos humanos e o uso do poder – reflexões sempre necessárias no ambiente democrático, que além da formação das nossas concepções éticas nos permitem pensar a partir de uma moralidade cosmopolita, a qual não só respeita a unilateralidade dos sistemas morais de um tempo e espaço, mas incide a pensar em direitos fundamentais aplicáveis a toda uma moral pública, válida em todos os contextos.

¹⁰ Ao comparar a poesia com a história, o filósofo considera a narrativa ficcional mais próxima da Filosofia que a narração dos fatos passados, por permitir a formação de ideias universais: “Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e está o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia”. (ARISTÓTELES. **Poética**, 1445b)

4 PROPOSIÇÕES DIDÁTICAS - ANÁLISE DE UM EXEMPLO

Para ser possível utilizar o cinema como recurso em sala de aula, o professor terá de repensar essas produções em perspectiva filosófica. Um filme que parece simples de ser entendido pode ser complexo ao ser explicado, como apontam os próprios teóricos do cinema (EDGAR-HUNT, 2013, p. 10). Para tanto se faz interessante que o professor olhe para o filme como uma maneira de interpretar o mundo, além disso, que o perceba, inclusive, como um modo de se expressar filosoficamente, como sugere Cabrera (2006), ao afirmar que:

É um fato que a filosofia se desenvolveu ao longo de sua história, na forma literária e não, por exemplo, através de imagens. Poderíamos considerar a filosofia, entre outras coisas como um gênero literário, uma forma de escrita. Assim as ideias filosóficas foram expressas na forma literária naturalmente, sem maior autorreflexão. Mas quem disse que deve ser assim? Existe alguma ligação interna e necessária entre a escrita e a problematização filosófica do mundo? (CABRERA, 2006, p. 43)

Desta forma, não só propomos o filme para ilustrar os problemas da Filosofia, mas também o consideramos como um efetivo material didático filosófico, no qual a narrativa é tomada como texto, o qual orienta e fomenta a discussão filosófica. Além disso, é importante destacar como característica fundamental o material produzido ser em linguagem infanto-juvenil.

Nesse contexto as relações entre cinema e Filosofia podem ser muitas e amplas, porém é trabalho do professor traduzi-las de forma didática para que possam ser compreendidas por seus estudantes. Essa transposição sempre deve atender aos objetivos do ensino da Filosofia para crianças e as propostas educacionais expressas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), conforme a Lei 9.349 de 1994.

Ressaltamos ainda que ao se usar o cinema em sala de aula, é preciso considerar a importância de assistir o filme por completo. Para que assim os estudantes possam fazer uma experiência estética da obra, conhecendo cada uma das partes e o conjunto da narrativa, apreciando os vários fatores presentes em uma produção cinematográfica, tais como: enquadramentos, luz, cores, trilha sonora etc.

Creemos que experiência estética e filosófica pode se objetivar de múltiplas formas, porém a relação entre infância/adolescência, a Filosofia e o cinema, na Educação pode ser potencializada por meio de algumas metodologias de trabalho aplicado. Assim, apresentamos aqui um exemplo muito particular de como a obra *Percy*

Jackson e o Ladrão de Raios, pode se efetivar em uma verdadeira discussão filosófica com crianças e adolescentes. Tal discussão está guiada por modelos como de Lipman (1990) e Franklin (2017).

Tomamos esse filme como exemplo, pois se trata de uma típica produção comercial hollywoodiana, de gênero fantasia/aventura, o qual tem como foco o público infanto-juvenil. Fator que pretende mostrar que é possível utilizar produções do circuito comercial para fazer, a partir delas, uma leitura filosófica.

4.1 PERCY JACKSON E O LADRÃO DE RAIOS

Neste estudo, destacamos primeiro a ficha técnica e a sinopse do filme *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, para em seguida, apresentar uma pesquisa *online* realizada com alunos do Ensino Fundamental, a fim de verificar quais os temas mais interessantes a esses estudantes na obra. *A posteriori*, faz-se então uma leitura filosófica, a qual considera aspectos como autoconhecimento, mitologia e amizade como temas pertinentes para a discussão, para enfim aplicar essa reflexão a propostas de metodologia para o Ensino Fundamental.

4.1.1 Ficha técnica

O livro de Rick Riordan¹¹ foi adaptado para o cinema em um longa-metragem, colorido, com duração de 2.35:1 produzido pela Fox 2000 Pictures. A direção ficou a cargo de Chris Columbus, e o filme foi estrelado por Pierce Brosnan, Rosario Dawson e Uma Thurman. A classificação indicativa é 12 anos.

4.1.2 Sinopse

O filme narra a história de Percy Jackson, que em meio a adolescência em Nova Iorque descobre ser filho do deus grego, Poseidon, fato que muda sua vida completamente. Nesse momento, Percy passa a enfrentar todos os tipos de monstros mitológicos e chega até um acampamento de “meio-sangues” e junto a seu protetor, o

¹¹ É um escritor norte-americano, nasceu em 1964, foi professor da educação básica nas disciplinas de inglês e história. É autor de diversas séries de livros infanto-juvenis, inspirados em mitologias antigas, como greco-romana e egípcia.

sátiro Grover¹² e a filha de Atena, Annabeth, sai em uma jornada de aventuras e desafios em busca do raio de Zeus, o qual havia sido roubado, sendo ele o principal suspeito.

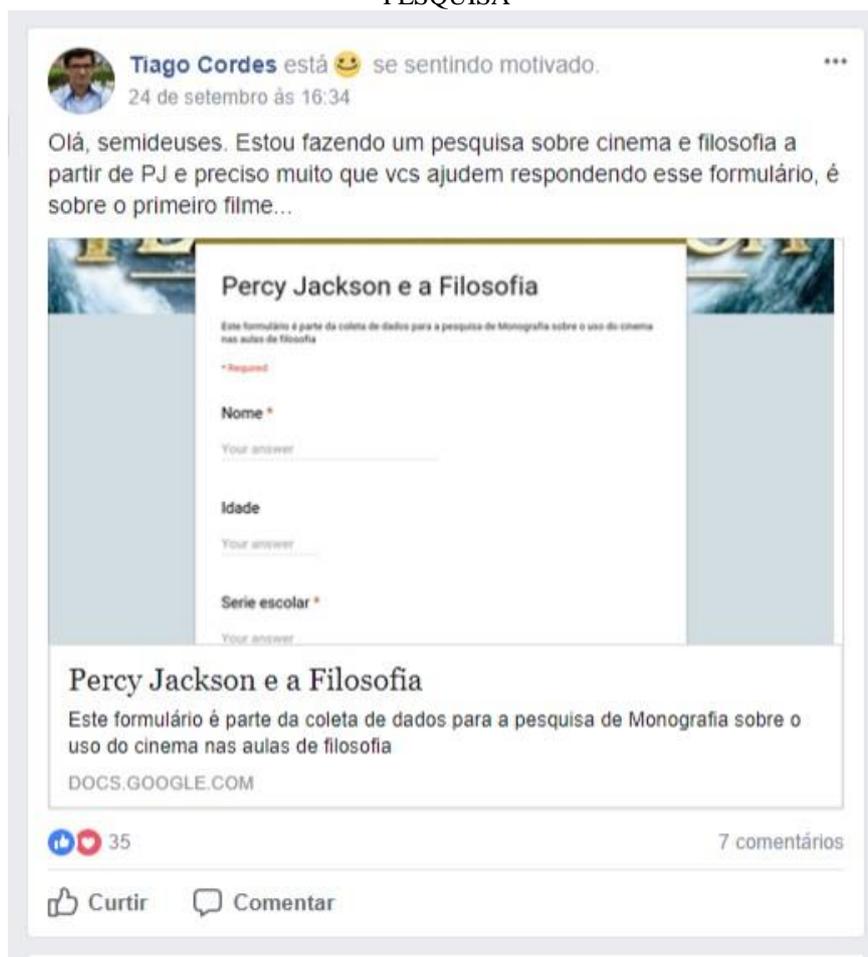
4.2 UM OLHAR INFANTO-JUVENIL SOBRE PERCY JACKSON

Para realizar o levantamento dos dados referentes a quais temas seriam mais interessantes de serem abordados em aulas de Filosofia no Ensino Fundamental, a partir do filme *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, realizamos uma pesquisa *online* a partir de grupos no *Facebook* que tem o livro/filme como temática.

Para tanto formulamos um questionário hospedado no *Google Docs*, o qual nos ofereceu um conjunto de informações, o que nos permitiu ter certa noção da percepção de nosso público sobre o filme e suas relações com a Filosofia.

¹² Sátiros são seres mitológicos gregos, que tem a parte de cima do corpo na forma de homem e a parte de baixo, de cabra. Tem uma personalidade travessa e engraçada, costumam se relacionar com as ninfas.

FIGURA 1 – ABORDAGEM VIA FACEBOOK PARA LEVANTAMENTO DE RESPOSTAS PARA A PESQUISA

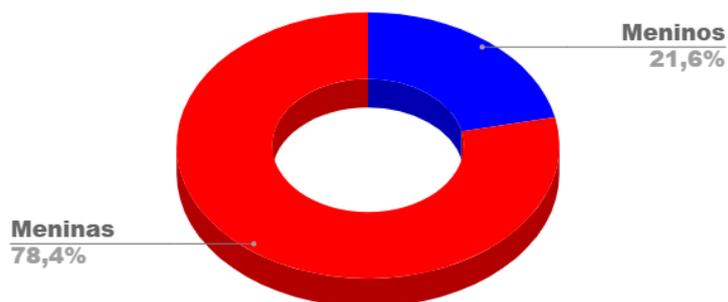


FONTE: O AUTOR (2017)

O formulário ficou disponível entre os dias 24/09/2017 e 27/09/2017 e obteve um total de 89 respostas. Entre as respostas, 52 eram de alunos do Ensino Fundamental II, com faixa etária entre 12 e 15 anos. Deste universo apenas um aluno não havia assistido o filme, o que tornou a amostra relevante para esta pesquisa, portanto, o aproveitamento do universo foi de 51 respostas. Outras informações quantitativas estão dispostas nos gráficos a seguir:

GRÁFICO 1 – DISTRIBUIÇÃO DE ACORDO COM O GÊNERO

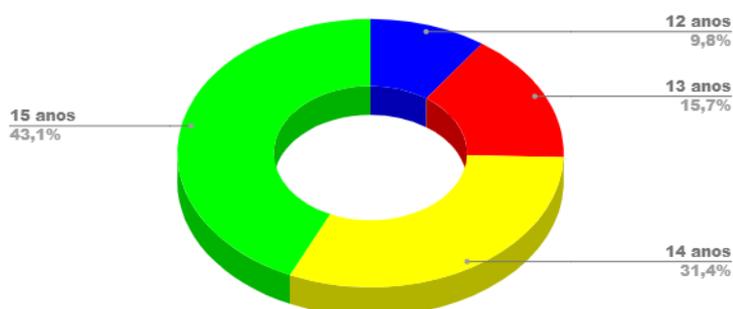
Do total de alunos



FONTE: O AUTOR (2017)

GRÁFICO 2 – DISTRIBUIÇÃO DE ACORDO COM A IDADE

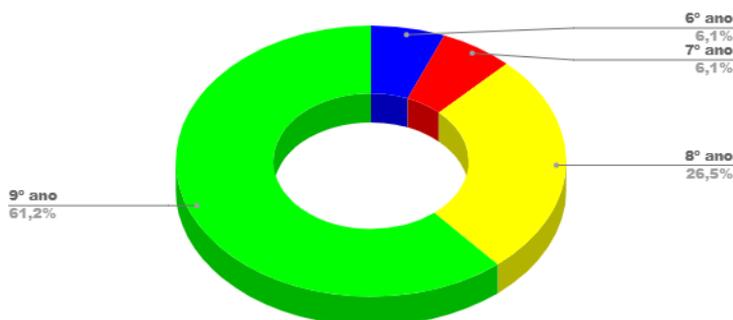
Alunos por idade



FONTE: O AUTOR (2017)

GRÁFICO 3 – DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR SÉRIE

Alunos por serie



FONTE: O AUTOR (2017)

De 100% dos alunos, 47% têm aulas de Filosofia. Ainda considerando 100% dos estudantes, 72% responderam positivamente ao uso do filme como recurso para aulas de Filosofia no Ensino Fundamental II.

Quando perguntados sobre o que mais gostavam no filme, 61% dos alunos responderam algo que levava em conta o uso e atualização da mitologia grega na

narrativa. Porém uma análise qualitativa dos resultados nos permitiu encontrar também respostas relacionadas ao clima de aventura e perigo na história, referências a virtudes como coragem, lealdade e amizade. Alguns estudantes pesquisados levaram em conta ainda o gênero no qual se enquadra a obra, sendo este um filme de fantasia. Além disso, consideraram a boa apresentação dos personagens.

Sobre a reflexão que fizeram a partir do filme, encontramos respostas relacionadas à história e mitologia grega, perguntas sobre crenças em geral e a crença nos deuses, sobre a relação entre personalidade dos alunos e a dos deuses e reflexões sobre as mudanças, a família, heroísmo, coragem, amizade e sobre como “há várias formas de ver o mundo.” (Conforme resposta da pesquisa online).

4.3 ANÁLISE

A partir do conjunto de respostas apresentados acima formulamos três propostas de temáticas filosóficas que podem ser abordadas a partir do filme: a identificação com os personagens, a mitologia e os deuses gregos e a amizade. O detalhamento de cada uma dessas temáticas está apresentado nas seções a seguir.

4.3.1 Identificação com os personagens

Visto que os alunos se identificam de alguma forma com os personagens, ora com o próprio Percy, ora com Annabeth ou Grover, pode-se a partir daí levantar uma discussão sobre o poder do mito no universo do filme e traçar uma relação mito/filosofia. É possível fazer com que os alunos percebam que a mitologia é uma forma de explicar o mundo, tal qual a filosofia ou a ciência.

O estudante que se colocar no lugar de Percy vai poder entender como nossa visão do mundo pode transforma-se a partir do modo como o interpretamos ou o compreendemos. No filme muitas coisas só passam a fazer sentido para o protagonista quando este se descobre meio-sangue (semideus), logo, a mitologia começa a preencher as lacunas de seu entendimento que antes pareciam vazias.

Por exemplo, Percy Jackson tem dificuldade com a leitura (Dislexia) de sua língua materna (Inglês) até que progressivamente descobre que pode ler e entender o grego antigo, isso por conta de sua filiação divina/grega. O protagonista do filme descobre ainda que seu déficit de atenção é na verdade causado pelos seus reflexos de

batalha¹³. Portanto, uma vez aberta uma nova possibilidade de ver o mundo a partir da mitologia, existe uma nova leitura do mundo e dos problemas apresentados ao protagonista.

A partir dessa perspectiva, a mitologia deixa de ser colocada em segunda ou terceira posição e passa a concorrer com a Filosofia ou com a ciência na interpretação do mundo. Talvez, nesse ponto, caiba ao professor problematizar como os mitos atuais podem também explicar o mundo, ou melhor, como o mundo poderá acolher múltiplas possibilidades de leitura dos problemas em perspectiva filosófica.

Desta forma o aluno pode ser desafiado a questionar se suas perguntas não respondidas devem ser pensadas a partir de outras “chaves”, assim como a mitologia respondeu às perguntas de Percy. Nesse sentido, podemos sugerir a prática filosófica no Ensino Fundamental como uma nova maneira de ver e interpretar o mundo. Em primeira visão isso parece evidente, mas não o é para as crianças e jovens desse nível escolar, pois não estão habituados à conversação e discussão no ambiente escolar.

4.3.2 Mitologia e os deuses gregos

O filme é ainda uma alavanca para explicar a própria visão grega de mitologia, visto que percorre por mitos como o de Cronos a comer seus filhos, o tear do destino, ou ainda pela diversidade de deuses e a sua relação com os mortais. Tais mitos carregam valores simbólicos que podem fazer com que os estudantes pensem nas questões levantadas pela própria mitologia e com ela se identifiquem, visto que:

A mitologia é um modo de compreender a condição humana. Os mitos sempre foram uma tentativa do homem de explicar fenômenos - e não apenas porque o Sol percorre todo o céu; os mitos também explicam o amor, o medo, o ódio, a vingança e toda a extensão dos sentimentos humanos (RIORDAN, 2014b, p. 11).

Assim sendo uma análise da personalidade dos deuses e dos “meio-sangues” Percy (filho de Poseidon) e Annabeth (Filha de Atenas) pode gerar o desafio do autoconhecimento, a fim de que, tal qual na narrativa fílmica, uma vez que conheçam suas habilidades, potencialidades e defeitos possam os alunos se identificar com um dos

¹³ A forma como o filme retrata a dislexia e o déficit de atenção, também pode chamar a atenção dos alunos, e pode ser um dos assuntos discutidos a partir do filme.

deuses¹⁴. Essa forma de identificação já é uma das sugestões de Pablo Blasco (2006) em seu trabalho sobre cinema e Educação:

A educação sentimental, do governo político da afetividade, implica, em primeiro lugar, crescer em conhecimento próprio [...] Aqui entra a experiência do cinema como educador dos sentimentos. As reações que são suscitadas no contato com os filmes, as narrativas e histórias de vida que amplificam nossas emoções e que o espectador se aplica a si mesmo tornam transparentes realidades que estavam ocultas. O cinema funciona como uma lente de aumento sobre os sentimentos, ou como arco voltaico que dispara a faísca da reflexão. Tínhamos esses sentimentos, mas não reparamos e, muito menos, tínhamos parado para refletir sobre eles. Parar para pensar, com a distância que a imagem nos brinda, como “se de outro se trata-se” é o começo de um diálogo de entendimento (BLASCO, 2006, p. 38).

Essa percepção da diferença de personalidade dos deuses e dos “meio-sangues” pode nos ajudar não só a compreender a própria personalidade, mas também a nos tornar mais empáticos frente aos demais – objetivo maior da abordagem e da discussão desse quesito em sala de aula. Reconhecer que cada pessoa carrega características pessoais que as fazem agir e pensar de forma diversa não é algo ruim, mas algo próprio da condição humana. Algo bem exemplificado por meio da mitologia dos deuses.

Nesse ponto é ainda possível uma ligação com o recurso narrativo da “névoa” presente na obra – fenômeno que esconde as habilidades fantásticas dos deuses, criaturas mitológicas e “meio-sangues” no mundo dos mortais – o qual pode ser considerado a intolerância.

4.3.3 Amizade

Entre os temas presentes em nossa pesquisa com estudantes do Ensino Fundamental, está a amizade, a qual também é um tema recorrente na Filosofia. Logo, ao trabalhá-la é possível retomar desde autores clássicos até contemporâneos como referências para essa discussão.

Em *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, a relação de amizade entre Percy e Grover é evidente. Embora o sátiro seja o protetor de Percy Jackson e isso o obrigue a uma série de deveres, percebemos certa cumplicidade entre os personagens. Até Percy Jackson ter conhecimento do aspecto mitológico no qual estava envolta sua vida, via Grover apenas como amigo e não como protetor designado. A partir desse ponto

¹⁴ Uma análise das páginas *online* de fãs de Percy Jackson nos fizeram perceber que essa assimilação entre os leitores livro/filme com os deuses gregos, tal qual acontece na narrativa é algo bem comum.

podemos discutir os fatores que levam à amizade, como se forma essa relação e quais são seus limites.

Já a relação de amizade entre Percy e Annabeth, perpassa por uma dupla admiração e por experiências motivadas por um objetivo maior, recuperar o raio de Zeus. Nesse processo vemos uma série de motivações – algumas pessoais e outras mais nobres – que auxiliam o protagonista em sua jornada, por exemplo: Percy deseja se livrar da acusação de ladrão; quer resgatar sua mãe do mundo dos mortos. Já Annabeth deseja aventurar-se fora do acampamento meio-sangue. Além disso, ambos desejam evitar uma guerra entre os deuses, o que prejudicaria em muitos os mortais. Portanto, há um ideal maior que ultrapassa o horizonte pessoal de ambos para projetar-se em um vínculo de amizade.

A partir desses modelos podemos discutir diferentes formas de amizade relacioná-las com as experiências de amizade dos estudantes.

4.4 POSSIBILIDADE DE METODOLOGIA PÓS-FILME

A partir do filme o professor deve formular uma série de questões norteadoras, as quais devem ter por objetivo direcionar a discussão ao tema filosófico. Visto que a discussão é imprescindível à atividade filosófica com crianças como aponta Lipman (1990):

(...) uma criança é mais rapidamente encorajada a participar da educação se esta enfatizar a discussão em vez de exercícios monótonos com papel e caneta. A discussão, por sua vez, aguça o raciocínio e as habilidades de investigação das crianças como nenhuma outra coisa pode fazer (1990, p. 41).

Quando se trabalha com o cinema no processo educativo faz-se necessário valorizar as interpretações do filme, sejam elas relativas à narrativa ou aos aspectos estéticos da produção. É importante sempre direcionar a discussão ao tema filosófico em questão.

A condução de uma discussão filosófica com crianças é apresentada por Franklin (2016, p. 172-178) e leva em conta que o professor deve conduzir a discussão de modo a esclarecer a diferença entre opiniões e razões, cobrando dos alunos a construção de argumentos para defesa de suas teses. O professor deve observar ainda que os estudantes têm tempos e formas diferentes de se manifestar em uma discussão

filosófica, características que devem ser respeitadas. Dessa forma o professor é aquele que organiza a discussão, esclarece as ideias, sempre com o cuidado de garantir o protagonismo aos alunos.

Ademais, um filme geralmente trata de uma gama de assuntos que certamente não circunscrevem apenas as aulas de Filosofia, logo, é uma boa oportunidade para aulas conjuntas ou mesmo para atividades interdisciplinares entre várias matérias. O planejamento escolar eficiente proporciona uma efetiva convergência ao valor educacional, quando a discussão filosófica se alia a outros saberes escolares.

Em Percy Jackson temos um tema transversal para as disciplinas de Filosofia, Artes e História – o mundo grego –, entretanto, a narrativa ainda nos dá a oportunidade de inserirmos a literatura. Sendo assim, temos um conjunto de professores que podem usar dessa mesma referência para motivar suas aulas. Essa também pode ser uma forma de otimizar o tempo, dividindo a exibição do filme com outras disciplinas.

Além das atividades interdisciplinares, uma das habilidades que as atividades filosóficas com crianças possibilita é a promoção da criatividade. Nesse quesito as atividades práticas podem ser o momento do aluno se expressar a partir da experiência do filme e do debate. Lipman (1990) é um dos teóricos o qual considera o estímulo criativo gerado pela experiência filosófica:

Por meio de modelos ficcionais é possível mostrar às crianças que elas próprias podem pensar mais racionalmente e mais criativamente, pois queremos tanto estimulá-las a pensar como estimulá-las a pensar melhor. [...] os alunos disputarão ansiosamente uns com os outros o momento de expressar seus pontos de vista (LIPMAN, 1990, p. 211).

Para tanto devem ser adequados ao filme e aos objetivos da aula a atividade que o professor vai propor aos seus alunos, pois além de uma atividade lúdica e interessante, o foco na discussão do conceito filosófico a ser produzido pelos alunos deve ser priorizado. Nesse momento, o professor pode inserir um quiz, jogos diversos, produções textuais e artísticas, a fim de que o aluno possa expressar de forma criativa sua experiência filosófica.

A partir de Percy Jackson, é possível propor atividades que reforcem a apropriação de conhecimento sobre a mitologia, tais como: a criação de uma árvore genealógica dos deuses gregos, na qual sejam acentuadas a personalidade de cada um deles. Este pode ser um bom exercício para que os alunos reflitam sobre suas próprias personalidades. Outra forma é a criação de deuses e seres fantásticos, a exemplo do

filme, o que pode ser uma atividade artística interessante, visto que os alunos terão adquirido referências sobre sátiros, gogonas ou centauros, por exemplo. O exercício da criatividade livre de seres fantásticos com características estranhas, bizarras ou apenas originais proporciona ao jovem a possibilidade de externizar um ser que pode ser no mundo, uma forma de expiação de todos os sentimentos internos pelos quais esta fase infanto-juvenil passa.

5 CONCLUSÃO

A partir deste trabalho reconhecemos a real possibilidade de lecionar Filosofia no Ensino Fundamental, desde que esta disciplina seja ministrada com base em uma metodologia específica e com materiais adequados. Desta forma percebemos que as dificuldades, as quais de fato existem, para a inserção dessa disciplina nos currículos desta fase de ensino devem ser enfrentadas, pois tal atitude pode gerar uma contribuição para a formação desses alunos.

Além disso, foi possível pensar ainda nas relações entre o cinema e a Filosofia, as quais vão desde uma análise dos aspectos éticos, estéticos e políticos até a reflexão de como essa mídia pode ser utilizada como um efetivo recurso didático. Recurso esse que não só contribui para a sensibilização dos alunos para a discussão filosófica, mas também para a reflexão docente de o vê-lo como texto filosófico a ser discutido.

Consideramos, ainda, neste trabalho a familiaridade cada vez mais acentuada que crianças e adolescentes têm com o audiovisual, e como esse impacto pode ser usado de forma pedagógica, levando professores e alunos a partir de uma mídia que envolve a imagem, movimento e o som a refletir sobre conceitos de cunho ético, estéticos, políticos, enfim sobre conceitos filosóficos.

Para tanto, tomamos como exemplo o filme infanto-juvenil *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*. Contudo, sabemos que outras obras produzidas para esse público podem ser utilizadas para essa transposição filosófica. No entanto, deve-se sempre considerar os pressupostos do ensino de Filosofia para crianças, que envolve outra organização do espaço e do tempo na sala de aula, modificando não só o recurso didático, que em nossa proposta trata-se do cinema, mas também a própria forma de ensinar, a qual torna-se muito mais dialógica.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ARISTÓTELES, **Ética a Nicomaco**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- _____. **Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- BLASCO, Pablo Gonzáles. **Educação da afetividade através do cinema**. Curitiba: IEF, 2006.
- CABRERA, Julio. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. São Paulo: Rocco, 2006.
- EDUCATION ENDOWMENT FOUNDATION (EEF) (Reino Unido). **Philosophy for children**: Evaluation report and executive summary. Durham: Durham University, 2015. 45 p. Disponível em: <https://educationendowmentfoundation.org.uk/public/files/Support/Campaigns/Evaluation_Reports/EEF_Project_Report_PhilosophyForChildren.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2017.
- EDGAR-HUNT, Robert. **A Linguagem do Cinema**. São Paulo: Bookman Editora, 2013.
- EMPRESA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO (EBC). Tempo de crianças e adolescentes assistindo TV aumenta em 10 anos. **EBC Agência**. São Paulo. 26 Jun. 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2015/06/tempo-de-criancas-e-adolescentes-assistindo-tv-aumenta-em-10-anos>>. Acesso em: 08 nov. 2017
- FRANKLIN, Karen. **Filosofia no Ensino Fundamental**. Curitiba: InterSaberes, 2016.
- LOUREIRO, Robson. Educação, cinema e estética: elementos para reeducação do olhar. In: **Revista Educação e Realidade**, nº 33, Jan/Jul 2008.
- LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.
- LIPMAN, M.; SHARP, A. M.; OSCANYAN, F.S. **A filosofia na sala de aula**. Tradução de Ana Luiza Fernandes Marcondes. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- METZ, Christian. **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- MORETTIN, Eduardo Victorio. Cinema educativo: uma abordagem histórica. In: **Comunicação e Educação**, São Paulo, Set/Dez 1995, p. 13-19.
- NUSSBAUM, Martha. Educação para a liberdade: três capacidades. In: NUSSBAUM, Martha. **Educação e Justiça Social**. Portugal: Edições Pedagogo, 2014. p. 76-88.
- RIORDAN, Rick. **Percy Jackson e os olímpianos**. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2014a.
- _____. (Org.). **Semideuses e Monstros**. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2014b.

SALDAÑA, Paulo. Quase 50% dos professores não têm formação na matéria que ensinam. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 04 Jan. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/01/1852259-quase-50-dos-professores-nao-tem-formacao-na-materia-que-ensinam.shtml>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

SILVA, Sergio Damasceno. Audiência infantil no YouTube chega a 52 bi de *views*. **Meio e Mensagem**. São Paulo, 05 Out. 2017. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/10/05/audiencia-infantil-em-canais-do-youtube-chega-a-52-bilhoes-de-views.html>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

SILVA, Tiago Correia da; MANDAJI, Carolina Fernandes da Silva. Educomunicação: Uma reflexão filosófica a partir do cinema. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 17 ed., 2016, Curitiba. **Anais... .** Curitiba: Intercom, 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0863-1.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

STEIN, Edith. **Obras Completas, IV, escritos antropológicos y pedagógicos**. Madrid: Ediciones El Carmen, 2003.

ANEXO 1 – FORMULÁRIO COM AS PERGUNTAS

Percy Jackson e a Filosofia

Este formulário é parte de coleta de dados para a pesquisa de Monografia sobre o uso do cinema nas aulas de filosofia.

***Obrigatório**

Nome *
Sua resposta: _____

Idade
Sua resposta: _____

Série escolar *
Sua resposta: _____

Você já assistiu PJ e o Ladrão de Raios?
 Sim
 Não

Você tem aulas de filosofia?
 sim
 não

O que você mais gosta em PJ?
Sua resposta: _____

Sobre o que o filme PJ te fez pensar?
Sua resposta: _____

Você acha que o filme PJ é um bom recurso para aulas de filosofia?
 Sim
 Não
 Talvez

ENVIAR

Nunca envie senhas pelo Formulário Google.

Pergunta 1. Nome

Pergunta 2. Idade

Pergunta 3. Serie escolar

Pergunta 4. Você já assistiu PJ e o Ladrão de Raios?

Pergunta 5. Sobre o que o filme PJ lhe fez pensar?

Pergunta 6. Você acha que o filme PJ é um bom recurso para aulas de filosofia?

As respostas dessa pesquisa podem ser consultadas em:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1fivuL2pi3SxjUHAA7rZ-avqgP0Gx0sOz0VfBfPpZ9rU/edit?usp=sharing>